

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO IX



COIMBRA / 1960

M I S C E L A N E A

Cartas de Martim Afonso de Sousa (1534-1539)

INTRODUÇÃO

Martim Afonso de Sousa viajou duas vezes de Lisboa até à Índia, primeiro em 1534, quando Aluminante do Mar da Índia, e depois em 1541, quando Governador da Índia, desta vez juntamente com S. Francisco Xavier. Oas cartas que escreveu durante a sua primeira estadia (1534-1539) dezassete ainda existem. Destas, Luciano RIBEIRO publicou quatro no seu importante artigo, *O Primeiro osroo de Dio (Stadia, I [1958], 201-271)* e o falecido professor J. D. M. FORD publicou um fragmento de uma outra nas suas *Letters oi John III, (Cambridge, Mass., 1931), 255-256.*

O período é importante na história da Índia Portuguesa e foi descrito pelas crónicas contemporâneas de Gastanheda, Correia, Barros, Couto e Zinadim e pelo próprio M. A. de Sousa na sua autobiografia, a *Breussima, e summaria relação, que fez de sua Vida e obras o grande Martim Affonso de Sousa (Archivo Bibliographico, [Coimbra, 1877], 107-108, 139-146)*. Para estas fontes, ver SCHURHAMMER, *Franz Xaver. Sein Lében und seine Zeit, I (Freiburg, Herder, 1955), 673-674.* Mencionamos apenas os acontecimentos principais: a guerra em Cambaia (Gujarât), a conquista de Damão, a doação de Bassein (1534), a construção da sua fortaleza, a expedição desastrosa do Sultão Bahâdur de Cambaia contra Chitor, a sua fuga para Dio, onde pede a ajuda dos portugueses contra os Mogores, dando licença para ali construírem uma fortaleza (1535), a construção da fortaleza de Dio, a guerra no Malabar contra o iSaimorim e o seu aliado, o rajá de Repelim (Eddapalli) (1536), a morte de Bahâdur, as vitórias de M. A. de Sousa contra os mouros do Malabar ao pé de Coulete (Kollam) (1537) e em Vêdalai, que salvaram a Cristandade da Costa da Pescaria estabelecida há pouco no Cabo Comorim, e o primeiro cerco de Dio (1538).

Das nossas 17 cartas, 14 são originais e três são copias (n.^{os} 6, 15 e 16). Todas (exceptuando o n.^o 16) se encontram na Torre do Tombo, em Lisboa: 12 na *Colecção de S. Lourenço*, t. I, uma na *Colecção de S. Vicente* e uma nos volumes da *Chanoelaria de D. João III*. Há uma descrição de 15 destas cartas na nossa obra, *Die zeitgenössischen Quellen zur Geschichte Portugiesisch-Asiens und seiner Nachbarländer zur Zeit des hl. Franz Xaver* (Leipzig, 1932), n.^{os} 165, 171, 178, 180, 181, 183, 190, 193, 212, 223, 226, 245, 335, 392. A *Emmenta*, muitas vezes mencionada nas nossas notas, publicou-se sob o título *Emmenta da Casa da Índia* no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 25 (1907), 233-241, 265-273- 311-319, 331-339, 366-375, 424-436; 26 (1908), 1-32.

GEORG SCHURHAMMER, S.J.

ROMA

CARTAS

1. Para D. João III, Rei de Portugal.

No mar (*), ao largo da costa da Guiné, 12-1A-bril-1534.
I, 352-356).

(Ca/. S. Lotir.

+

«Senhor

Deos seja muyto louvado, estas tres naos <ie V. A. (?) sam bem navegadas a tegora, e asy prazera a ele que o seram até as pôr com salvamento na Yndya. He é pera ter em muyto, segundo o tempo que trouxemos desvayrado até

'0) Acerca da viagem ver G. Correa, *Lendas da Índia*, III (Lisboa, IH862), 5718-58H.

(?) A armada, sob o comando de M. A. de Sousa, era composta de cinco navios, três dos quais pertenciam ao Rei: A *Raynha* (Capitão, M. A. de Sousa), a *Sanota Cruz* (Capitão, Diogo Lopes de Sousa) e o *Sancto António* (Capitão, Tristão Gomes da Mina); os dois outros pertenciam a Duarte Tristam (IFORD, 154): o *São Miguel* (Capitão, António de Brito) e a *Sanota Maria da Graça* (Capitão, Simão Guedes) (CORREA, III, 579; Luiz de SOUZA, *Anaes de D. João Terceiro*, [Lisboa, 1844] 432 ; FIGUEIREDO FALCÃO, *Livro em que se contém toda a fazenda* [Lisboa, 18519], H516). A armada largou de Lisboa no dia 12 de Março de 1534.

passar as Canaryas, porque des que partymos de Lysboa nam nos durou o nordeste senam hum dya e huma noy te e logo nos acalmou e saltou o vemto a travesya e bem ryjo. He aynda que as naos agora partam muy deferemte do que soyam e muy desempachadas, todavya saem de porto domde nom podem deyxar de vir carregadas, de maneyra qu'eu tyve receo por sermos tam perto de terra, e mays eu que sou já escaldado dela. Asy que aquela noyte, que foy a de sabado, o vemto começou / a crecer he o tempo emtrar muy ryjo, de maneyra que por nos nom perdermos huns dos outros mandey tomar as velas pera payrar aquela noyte e 'fyz synal às outras naos, e asy as tyvemos aquela noyte oo[m] mar bem grosso. E de ve V. A. d'agradeder muyto o Comde da Castynheyra (³) o cuydado que tem de vyrem estas naos desempachadas e lestes como vem, que s'ysso nom fora pasáramos trabalho ou alyjaramos camto tynham de sa jemte d'armas, que é a mor pyadade do mundo. Asy que o mar nos nom fez nynhum nojo polas naos vyrem asy marynheyras.

Ho outro dya cm amanhecemdo vymos fazer-se à vela huma das naos de Duarte Trystam, em que vynha Symam Gedez (⁴), he de ariybar ymdo a terra. Logo pareceo que ya desaparelhada, he pera arrybar sobr'ela era por em comdyçam de tornar toda a armada a Lysboa, quiera poudo servygo de V. A., e pareceo-me tambem que nam devyam de ter muyto aperto poys nos nom vyerom demandar. Fyz-m'á vela com vemto já alguma cousa mays largo, / he as outras naos, senam a em que vynha Amtonyo de Bryto. E porque me fycava a balravemto he eu nom podya yr sobr'ola a saber porque se nam fazya à vela, mandey lá huma caravela que vem com augoa (⁵) a saber se avya mester alguma cousa. Mandou-me Antonymo de Bryto dyzer que deram de noyte huma pola outra e que yam desaparelhados, que se nam podyam aparelhar senam em Lysboa e que s'yam lá; he eu estyve amaynado até esperar seu recado. Ela fez-se à vela damynho de Lysboa (⁶) e nós fizemos noso camynho com bem ruy[m] tempo sempre até às Canaryas, com chuyveyros muy iyjos e pés de vemto que nam podyamos ter vela. E porem asy vyemos em doze dyas às Canaryas e day pera cá, Déos seja louvado, ty vemos muyto bom tempo, do que o derradeyro de Março eramos cymcoenlta legoas avamte do Cabo Verde, e day pera dyamite tambem levamos muy bom tempo.

Estas tres naos sam muy boas e muy companheyras e sam de muyto bom tamanho, que sam já gramdes pera nom recear o mar e nam sam tam grandes que / sejam trabalhosas d'aparelhar, e sam asy naos pera tudo. V. A. devya, de meu fraco comselho, mandar fazer todalas que se fyzerem deste tamanho, porque as muyto gramdes perde-se muyto tempo co[m] elas no navegar, que, se amaynam a huma trovoada, prym'2yro que gym'dem se pasa meo dya e se pasa o vemto com que omem podya fazer camynho e

•(³) ID. António de lAtai'de, primeiro Conde da Castanheira; Vedor da fazenda desde 1530.

(⁴) A *Sancta Mañã da Graça*.

(⁵) A caravela da água que trouxe a Lisboa esta carta.

(⁶) O *São Miguel* regressou a Lisboa, consertou-se aí e alcançou Moçambique antes dos outros navios. Sobre o acidente ver CORREA, III, S79.

sayr das calmaia⁹; e as maya pequenas nam tem gasalhado e mays á omem medo. Agora nom ahy mays que fazer saber a V. A.

Aqy vay Oomygo Dyogo Botelho, e porqu'ele vay tam manso e tam desejoso, o que eu nele conheço, de servyr V. A. na Ymdya, de feyçam que mate algum rasto se se tras ele achou dalguma cousa, e aqy trabalha tam bem em tu do, que nom acho nyngem dyante dele, me pareceo rezam escreve-lo a V. A. E verdadeyramembe ele lá em terra m'aborrecya, mas agora acho dyllyjemte, e tambem hé pera aver dó dele que tem servydo he emtomou tudo. Eu certo creio que nam foy nynhuma má temçam senam pequyce. Lá na/Ymdya lhe devya V. A. de fazer alguma mercê s'ele o fyzer congele dyz (7).

V. A. ouve por seu servyço qu'eu fose à Yndya por mays *rezões* que libe eu dey pera amdar debayxo de Nuno da Cunha, e com regymento seu e co9 poderes que m'ele dise. Jagora que nam parece que hé estar-me resgatamdo, como fazem camtos escudeyros, vós mandays que vos vam servyr, quero lembrar a V. A. qu'eu vos vou servyr da feyçam que aynda nynhum omem da mynha maneyra foy à Ymdya, porque Dom Luys de Meneses hya (8) com seu yrmão mays velho (9) he que tynha desbaratado muytos mouros e fora toda sua vyda capytam, e com dez myl cruzados de partydo; todos estoutros que lá tyveveram este carreggo que eu levo eram omens que a Ymdya fez, e que os capytães-mores dela davam este carreggo por serem seus parentes e lhes estar muy bem ser tudo por sua mão deles. Mas nynhum deles era omem a que V. A. tyvese obrygaçam nem que tyvese as calydades que eu tenho, mas pode muyto mays comygo dyzer-me V. A. que era voso servyço / yr eu à Ymdya c'a todas estoutras cousas, porque eu tenho que nem tenho outra omra senam servyr-vos, mas ysto é de ser também lembran'do-se V. A. cam levemente vos sirvo e vos tenho servydo des camto á que eu comecey a emtemder alguma cousa. E Vosa Alteza deve de ter muyto gosto de me fazer omra e mercê, poys me cryey comvosco e nom sou nada nem no poso ser senam feyto por vosas mãos⁽¹⁰⁾; e lembre-se Vosa Alteza que todolos daquele tempo vós, Senhor, omrastes he acrecentastes, he aynda que o eles mereçam muy bem eu nom desmereço tamto, nem se pode V. A. queyxr de my que como o voso pão sem suor do meu ro9to. E tambem a voltas dysto nom deve a V. A. d'esquecer camto deyxey só por gosto que tynha de vos servyr; e mays, Senhor, nam pode ser mor omzena c'a fazerdes-me mercê, que eu camto mays tyver mays terey que

(7) Sobre ele e a sua célebre viagem de regresso a Portugal tem 1535-1536, num pequeno barco, ver Lopes de CASTANHEDA, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 1. 8, c. 103, (Coimbra, 1933), 371-373; As outras fontes são indicadas por SCHURHAMMER, *Franz Xaver*, I, 56'8.

(8) D. Luís de Meneses 9eguiu para o Oriente em 1521 como Almirante do Mar da índia (*Emmentia*, 312).

(9) D. Duarte de Meneses, seu irmão, era o Capitão-Mor da armada que, em 1521, partiu de Lisboa para a índia e também foi Governador da índia em 1522-24.

(10) ' Cf. a sua autobiografia, 89-90, 10'5-10'7 e Correa, III, 5<79-5:81.

gastar em voso servyço, que nos omen s com'eu as mercês do seu rey é deposedyto que o rey tem neles pera camdo lhe for necessaryo. Esta hé a deferemça que ahy a die fazer V. A. nos omens que / vos tiver amor: e certo eu esta esperamça tenho em V. A.

E porque em Purtugal nom ahy ornem pequeno nem gramde que cuyde que eu vou à Ymdya senam pera fycar por Governador, e nyngem nam no cuyda -mays qu'eu, porque sey de my, cam verdadeyramenbe vos ey de servyr em tudo e camta Oomfjamça V. A. deve ter de my, vos peço, Senhor, que vos lembfeys de mynha omra, poys m'eu nom lembro dela senam de vos servyr, he em cam gram descredyto fycarya antre a jemte mandamdo V. A. outro Governador à Ymdya, E ve r d a d ey ra m ente eu nom ousarya mays d'aparecer coma quem acaba de se desemganar que o nom tymhieys em conta nem lhe que-lyeys fazer mercê nem omra. E lamce V. A. conta os governadoresque foram da Ymdya e as calydades que tynham e nam vos espamtareys pydyr-vos que vos syrveys de my nyso, porque a cryaçam só qu'eu tyve comvosco é a mor obryaçam do mundo pera vos eu servyr bem, poys -as outras cousas qu'eles tyve rom eram com'os omens, nom fazyam mylagres senam em se salvar de camtas cousas fazyam mal feytas. E nam pode ser que V. A. me nam tenha em tam boa comta com'as regateyras, que mays me deveys / qu'elas. Mas eu sou tam confyado na vyrtude de V. A. e na espyryemqya que omem dyso vê cada dya, que toma mercê que eu nom desmerecer V. A. folgará de m'a f-azer, e que nom á de folgar nada de me ver perdydo e desomrado; e também confyo muyto em como vos ey de servyr, e nysto eu vô descamsado, rogamdo sempre a Noso Senhor que a vyda e real estado de V. A. guarde e aoresente por muy tos ymfyndos anos.

(De cymco graos da lynha (*), a -derradeyra oytava de Pascoa.

As reaes mãos de Vosa Alteza beyjo.

MARTYM AFONSO DE SOUSA»

Endereço: -f AlnRey noso senhor.

2. Para D. António de Ataíde, Conde da Castanheira.

No mar, ao largo da Costa da Guiné, 12-Abril-15134 (Co/. S. Lour., I, 305-308 v.).

«Ylustre e muyto manyfyco Senhor

Na boa vemtura de Vosa Senhoria, (Déos seja louvado, somos muy bem navegados ategora, e asy o espero eu nele e na sua Bemta Madre de sermos até à Ymdya. Des que nos botastes fora nos durou aquele tempo asy galemo, e asy mea calmarya aité sesta-feira à noyte, que podyamos ser até

O¹) Na carta 4 diz ter esorito esta ao largo da costa da Guiné; os cinco graos colocam o navio ao norte do Cabo das Palmas, a largo da costa da actual Libéria.

vymte legoas de terra. E logo se nos ifez o vemto oes-noroeste temdemte, até nos saltar o sudueste, que nos fizemos na volta do noroeste. E o saibado à noyte carregou o vemto muyto oeste, e com cerraçam e chuyveyros ouve medo de nos apartarmos, e mandey tomar as velas e fazer synal às outras naos pera pagar aquela noyte. He eu vos certefyco que se as naos vyeram como elas soyam d'yr, *Que nas* vyramos em trabalho e alyjaramos esas arcas desa iprove jemte d'armas, que nam pode ser mor pyadade; que de camto mal là dezyamos de / V. S. por que nos nom deyxaveys meter vynho, tamto bemdysemos entam de vós. He eu asy o escrevo al Rey que lhe nom pode V. S. fazer mor servyço, cá vyrem as naos marynheyras como vem, que nam vay nyso mays que vimdo hum temporal por-se em comdyçam de se perder toda huma armada.

Estyvemos aquela noyte em payro até a menhã, que vymos yr a Graça ⁽¹²⁾ já lomje à vela demandar a terra dereyto, de que nós podyamos ser vynte Cymco legoas até trymta. ¡Logo me pareceo que ya desaparelhada, mas tambem me pareceo que nom yam [em] muyto aperto poys nos nom vyeram demandar, que o poderam muy bem fazer se lhes fora necessaryo. Asy que eu nom arrybey sobr'ela por nom por em comdyçam d'arrybar toda armada, que fora huma ruym cavalgada tomarmos lá. ¡Fyz-m'à vela com vemto já mays largo e as outras naos, se nam Amtonyo de Bryto; e nisto pasou huma caravela por ele e mandou-me dyzer qu'estava desaparelhado, que dera huma nao pola outra aquela noyte e que lhe parycyá que a Graça era no fundo: e ysto era porque nam vyam senam coa tro naos, que *Santa Cruz* esta/va hum pouco lomje he eles nam na vyam e cuydavam que era aquela que arrybava. Tomey entam amaynar porque nos fycava a balravem'to e nam podya yr sobr'ele, e rnandsy lá a caravela d'augoa que m'acompanhou ategora sempre muy bem; he aquele pyloto que vem nela é muy bom ornem, V. S. lhe deve lá de fazer mercê he encarrega-lo em alguma cousa. E mandey-lhe que dysese Amtonyo de Brito s'avya mester alguma c*ousa, porqu'eu esperarã até que s'aparelhase. Mandou-me dyzer que se nam podyam aparelhar senam em Lysboa, que s'yam lá nom avyam mester nada. Fyzeram-se emtam à vela he eu tambem para fazer meu camynho, he atee Canaryas trouxemos vemtos escasos e muy ryjos e com muy tos chuyveyros, mas todavya em doze dias ouvemos vysta delas e fomos ve-las. Daly pera cá, Déos seja louvado, tyvemos muy bom tempo, que oje que sam dous dyas d'Abryl, que eu esta começo a escrever, somos tamto avamte com'os Bayxos do Ryo Gramde ⁽¹³⁾, e jagora nom vou esperando senam a prymeyra calmarya que tyver pera tomar a augoa e despachar a caravela ⁽¹⁴⁾.

Faço saber a V. S. que vem muy ta / mays jemte nestas naos do que lá cuy da vamos: que nesta mynha vem dozemtã e coremtã pesoas, e na nao de Tiystam Gómez ⁽¹⁵⁾ vem dozemtã e oytemtã e coatro pesoas. Asy qu'esta

⁽¹²⁾ O navio de Si mão Guedes.

⁽¹³⁾ Entre as Ilhas Bijagós e Bissau, na Guiné Portuguesa.

⁽¹⁴⁾ A caravela tinha de regressar a Lisboa.

⁽¹⁵⁾ O *Sancto Antonio*.

caravela d'augoa nos foy gram cousa. E também Dyogo López ⁽¹⁶⁾ traz mays jemte do ordenarlo hum bom golpe, que dos mays destes e 'destas ornem nom sabya parte senam des que partymos. Estas naos se quyseram yr prover d'augoa às Ganaiyas. Dyse-l'hes que mylhor serya no Cabo Verde qu'era terra d'El-Rey, domo fomos. Naquela paraje soube augoa que avya porque fuy às nao³ he achey que avya muy ta augoa, e com oytenta pypas que na caravela vam, repartydas por cada nao segundo a jemte leva, eu «spero em Deos de chegarmos à Ymdya com cyncoemta pypas d'augoa cada nao. Asy que lhes desfyz tomarmos porto porque hé muy oudyosa cousa.

Estas naos sam muy boas, Deos as salve, e muy companheyras, mas destas empreytadas s'acha omem cá muy mal, porque como aya hum pouco de mar ou huma nao pende, fazem logo muyta augoa polos altos, que vem muy mal calafetados. Parede-me que avya V. S. de mandar que fose tudo / jomays, qu'emfym hé mays proveyto. Nom vos podeys agora queyxa que nam escrevo myudamente. Nom dou eu agora vamtaje a Eoam Verdade; hé que nam vay por capytolos, mas pouco a pouco s'yrá omem fazemdo.

Atagora foram novas da vyaje, agora as quero dar a V. S. de my, que, Deos seja louvado, vou muy bem a voso servyço e muyto contente desta jemte fydalga que aquy vay, que sam sem nynhum pejo e que vygyam e remam seu remo muy bem, e que me parece que am de ser omen s per toda cousa.

De Martym de Crasto ⁽¹⁷⁾ vos dygo que vou o mays comtemte omem do mundo de o levar em myn'ha companhia porqu'é omem pera descansar sobr'ele calquer cousa e pera dar em tudo tam boa conta de sy como ele sempre deu. Hé omem muyto pera se servyr El-Rey dele. Huma do-usa vos dygo, que tem V. S. nele hum muy gram servydor e que toda mercê que lhe lá fyszerdes ele vo-la á d'agradecer bem, e também a my será muy grande: ipor yso lembre-se V. S. lá dele.

De Dyogo Botelho vos dygo que o levo tam manso com'algum cordeyno. Parece-me que sou o mor omem para meter syso que á no mundo, porque nam tam somente na mynha nao mas na nao de Trystam Gómez / fyz sesudo hum de Melo que hya na sua nao, qu'era brabysymo; -por yso se là ou ver alguns descabrydos mandarmos cá. E porem todavya eu ey dó do Dyogo Botelho e acho omem de bem e trabalhador, e que me parece que se nele ouve algum erro foy pequice, porque a my me parece verdadeiramente qu'elle nam tem nynhuma temçam má, he ahy nom á mal fazer bem.

Eu, Senhor, vou tam descamsado de saber certo camto desejays de me fazer mercê, que gram parte da saudade e do trabalho me tem ysto tyrado. E porem nom poso deyxar de lembrar a V. S., qu'eu sou de perto de

i⁽¹⁶⁾ O Capitão da *Sanefa Cruz*.

(17) Era filho ds Pedro de Castro e D. Brites de Melo e devia ser capitão de Temabe (*Eminentia*, 334), mas em Fevereiro de 1537 foi ferido na escaramuça em que o Sultão Bahâdur foi morto. (Lopo de 'SOUSA COUTINHO, *História do Cerco de Diu*, [Lisboa, 1890], 82). E renunciou ao lugar (*Registo da Casa da Índia* publ. por L. Ribeiro, I [Lisboa, '1954], n. 360.

coremta anos e que nom á omem em Purtugal desd'o mays alto até à maya tiyste regateyra que nam ouyde que vou pera ser Governador da Yndya. Ora vede que será nom lamçando eu pedras à jemte ! No me fazer El-Rey esta mercê aquy pemde toda mynha omra e todo meu ser, e olhay em cam grande descreyto fycarya ante a jemte, e oamto pera nunca mays alevamtar cabeça. V. S. coma meu Senhor e tamto meu parente, e mays tam zeloso de fazer bem a todos, vos peço que vos lembre mynha omra, qu'eu tenho posta cm vosas mãos; e que sey muy bem que pera humas dousas meãs acharey / muybos que m'ajudem, mas ja pera esta V. S. só com'a quem lhe á de doer e symtyr mynha desonra á de ser filho: que cos bens meãos dos omens muytos outros fôlgam, mas cos gramdes nyngem. IAsy que eu nom tenho outra esperança senam o que vós, Senhor, aveys de fazer por my, e aynda que eu seja desta casta da ruym condyçam, poucos aveys de ter que vos ajam de servyr como eu. E nysto nom quero falar mays que pera V. S. tudo estoutro era escusado, mas eu descamsó alguma cousa em vo-lo lembrar.

As muyto manyfycas mãos de V. S. e da Senhora (Comdesa beyjo. De oynco graos da lynha, a derradeyraoytava de Pascoa, camdo as naos soyam lá de partyr.

MARTYM AFONSO DE SOUSA»/

Endereço: -f- Ao ylustre e muyto manyfyco Senhor ho Senhor Conde da Castnyheya.

De Martym Afonso, do camynho no ano de 1534.

3. *Para D. António de Ataíde, Conde da Castanheira* (18).

À entrada do porto de Dio, 15-Nov.-1534 (*Col. S. Lotiz*, I, 438-441).

«Ylustre muyto manyfyco Senhor

Já Vosa Senhoria sabe cam mal escrevo por partes e cam pouco me pareço com foam; á-me V. S. de tomar com mynhas tachas aynda que sam muytas, senam saberdes que sou voso servydo verdadeyramente, e mal me faça Déos se huma das cousas que mays symto desta terra hé estar tam lomje de vós, de vos poder servyr e pagar, na moeda qu'eu pudesse, a vontade he a obra qu'em V. S. achey. E mays a verdade hé que des que omem vay tem do algum syso nam folga senam com ve[r] qu'iem lhe quer bem e com quem tem alguma rezam, que todo o al sam cousas d'até vymta

i(18) Os dinco navios de M. A. de Sousa chegaram a 'Goa em 'Setembro de 1534. Dez dias depois, Sousa largou de Goa com uma armada para fazer guerra a Cambaia; no caminho conquistou Damão e devastou a costa até Dio para obrigar Bahâdur a fazer a paz (Autobiografia, »107-d.O8, 139; CASTANHEDA, 1. 8, d. 81-32).

Cymco anos. Prazerá iDeos que me dará aynda algum descamsco e a V. S. muy ta vyda, que o al nom vos é de faltar pera verdes que servydor temdes em my e que amygo, qu'este hé o proprio nome, porem ysto á mester que seja cedo porque ornem vay já envelhecemdo.

Prymeyro que fale em outra nynhuma cousa quero dýzer a V. S. as myntyras que vos lá meu cunhado ⁽¹⁹⁾ foy dyzer, que arrybara sem eu querer chegar a ele. Ele estava tam fora de sy he como hé cousa de medo nam hé pera espantiar parecer-lhe yso e muyto mays, mas ele vos mymtyo muy falsa mymtyra, qu'eu me fyz à vela pera yr omd'ele estava e nam pude porqu'ele estava a balravemto de my; emtam mandey lá a caravela que podya meter mays d'elo qu'eu. Mandou-me dyzer que nam querya nada senam yr-se q Lysboa aparelhar e nam quys chegar omde eu estava por lhe nom estorvar a yda, tam cargados estavam./ Dê Vosa Senhoria juramento aos mestres e pylotos das outras naos e vereys se vos dyzem. Ouve grande menencorya de vos asy myntyrem, que a my nam me pesarya de perder senam dýamte V. S., porque cuydo que o temdes em my nam me pude conter lhe nam dysese que nam era bom mymtyr; hele tolheu-m'a fala.

Eu chegey [a] esta terra, >Deos seja louvado, de saude. Escrever a V. S. myudamenbe o que me dela parece je o que atégora pasey, parece-me escusado, poy-lo escrevo al-Rey ⁽²⁰⁾. Aly verá V. S. meu fraco parecer, e certo cá ysto é a mor cousa do mundo :e nam se pode crer, mas nós damo-nos nela de feyçam que hé a mays prove cousa que nunca se vyo, e todos os que servem al-Rey sen hum so real. Huma cousa dygo a V. S. e asy o escrevo al Rey, e pal'amor de Deos que nom paseys lá por yso. A Ymdya está de feyçam que se nam pode soster nela gerra tres anos, porque nom ahy ornem que queyra entrar em armada; e todos os que nelas nam amdam sam rygos, he os que amdam nam tem que comer, nem ahy hum so reail peras lhes pagar, he a gemte vê já ysto e todos buscam sua vyda; he amdam premdendo os omens pera os meter nos navyos. A mor falta [que] qua há hé quem escreva verdade al-Rey, porque os emganos que á qua dos omens que se lá vemdem nom hé Cousa pera crer. Por iso, Senhor, tyray lá bem a causa [?] aos omens que vos lá gabarem. Cá tudo se desfaz em vaydade, nam quer mays Nuno da Cunha ⁽²¹⁾ senam escrever que tem tamtos navyos e que mandou tamtas velas ou levou comsygo, e a mayor parte de tudo ysto sam navyos de remo que gastam cousa de nam crer nos remeyros e nos mantymmentos; e os mays destes navyos vam vazios e gastam tamto como se fosem cheos e a jemte que neles vay podya caber na metade deles, he era muyto mais onra pera nós porque hé já huma qualha tam conhecyda e sabem todos / os nosos comtrayros canta jemte levamos, que pudyamos bem escusar usar de manha com eles. Eu vos seguro que, segundo eu quá tenho vysto, que na Ymdya se gastam cymcoemta myl cruzados e muy perto

⁽¹⁹⁾ Isabel de Albuquerque, irmã de M. A. de Sousa, era mulher de António de Brito (A. Braancamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, I [Coimbra, 192il], 226).

⁽²⁰⁾ Carta 4.

⁽²¹⁾ Governador da índia (1529-1538),

deles, que se podyam muy bem escusar, e alembram-se pouco do proveyto d'El-Rey. O que quá mays compre hé paz com toda esta terra, he ysto hé o que eu dygo que nam pasem por yso, que se ahy emvemom terrá El-Rey omde meter 'dynheyro, se cá ou\rer quem se doya dele; terryamos nosos navyos varados em térra muyfco bem corryxydos, duraryam dez myü anos, he estaryamos prestes pera calquer cousa que compryse, e nam amdaryamos espancando o mar sem fazer u[m]a, mas todos queremos ter que contar nos coalheyros às custas d'El-Rey.

Eu ma[r]cho o mays emganado omem do mundo com este carrego que cá trouxe ⁽²²⁾, que nele nom ahy nyn'huma omra e muyto ymfymdo trabalho e gasto; he sabeys que hé, que Dyogo da Sÿlveyra á já hum ano que o quygera deyxar se lhe Nuno da Cunha dera lycença porque omem cá hé hum seu moço. (Por yso, Senhor, poys eu nom tenho outra esperança senam em vós, lembray-vos lá de mynha onra; -porque eu vos juro òs samtos avam-jelhos qu'eu nom ey de servyr mays este carrego que até ver a resposta destas, e se m'El-Rey nom faz pera em tam mercê da -governança desta terra, poys eu sou pera ela coma meus vezynhos, qu'eu m'yrey de quá aynda que m'El-Rey nom de lycença, porque nynhum proveybo levo des[te] carrego senam gastar tudo o que m'El-Rey dá d'ordenado e ser hum escudeyro de Nuno da Cunha. Olhay, Senhor, poys que asy hé, por my e nam q-ueyrays que agora, que sou já velho, vá de cá pro ve e desomraio. E se El-Rey ó que Nuno da Cunha o serve quá bem, como ele certo faz, e á por seu servyço te-lo quá / hé muy bem, mas a my dê-me -lycemça pera me yr. Ora, Senhor, niom quero falar mays nysto senam ponho-me em vossas mãos, e lembre-se V. IS. de quanta ydade sou e quamtos fylhos tenho, e oam doudo sou que nam me fazendo mercê nam faço senam servyr, e que 90u cheo de fylhos e que nunca me quys emcabarroar [?] nem agravar, que se o fyzera, já m'El-Rey tyvera feyto mercê e cuyiara qu'era leu pera mays: qu'emfym bem sey eu que asy se quer Purtugal, mas parece-me tam mal esta arte que aynda que vejo que m'aproveytarya nam no posso fazer. Ora poys ysto nom abasta, abaste a mysyrcordya de Deos. Bem sey cam escusado hé a lembrança que agora vos faço de vos lembra des lá de -fazer mercê a mynha molh-er ⁽²³⁾, porque eu sey bem o cuy dado que V. S. dyso à de ter lembrança he por amor de nós por cam vyrtuoso vós soys, mas nam faço ysto senam para vos pydyr que até em cousas que nam vam nada lhe faça V. S. comprymentos, porque as molheres sam muy desconfyadas e mays ssmdo estramgeyra ⁽²⁴⁾. Nysto nom quero também mays falar qu'eu sey bem camto mylhor V. S. o á d-e fazer do que vo-lo eu sey pydyr.

Cá temdes hum parente fylho do Senhor d'Amcyães, voso segundo Ooyrmão, chamado Vasco Pyrez de Sampayo ⁽²⁵⁾, omem muyto pera V. S. de o ter

⁽²²⁾ Como 'Almirante do Mar da índia.

⁽²³⁾ D. Ana Pimentel.

I⁽²⁴⁾ Era uma senhora espanhola.

I⁽²⁵⁾ Em 1531, quando cap:tão 'die um navio, -foi a ;Dio com Nuno da Cunha ie, em 1535, lutou contra os Mogores nio rio Indo (ISOUSA COUTINHO, 31, 62-63). Em 15 de Março de 1540 era-lhe prometida a capitania de Dio

por paremfoe e »die o aju-dar em tudo o que puder, porqu'efle tem cá muy bem servydo e de quem se faz quá muyta comita. Nam lhe falta senam ter quem asoalhe suas cousas, cabe nele todo carrego omrrado e toda a jemte quá conhece ysto dele, he a my foydyta acha-lo eu porqu'ele toé capytam duma galé he amda agora comygo, he é grande cousa achar ornem com quem fale suas cousas e de quem se fye. Neste feyto de / Damão ⁽²⁶⁾ a piymeyra escada que ss arvolou foy a que l'he eu a ele dey he lá dos primeyros que por ela emtrarom. Ele manda pyiyr Ormuz na vagante de Manuel de Sousa pera agora logo e merecyta muyto bem, ora veja V. S. que siará daquy a doze anos, 'he é dyta comtemtar-se hum ornem com ysto a qu'El-Rey tem obiygaçam de fazer mercê. Ajude-o V. S. que fareys muy gram virtude he ele nam tem nynguem senam a V. 'S..

Em Manoel de Sousa ⁽²⁷⁾ nam falo porque hé escusado, ele fala per sy. A Joam de Sousa ⁽²⁸⁾, Heytor de Sousa ⁽²⁹⁾, faça V. S. por lhes fazer alguma mercê que servem muy bem, he emfym o que fyzerics nos vosos yso aveys d'achar e carytas bene ordynata a *se ypsum* [/] *ymcypít*.

Torno-vos, Senhor, a lembrar que nam ey de servir este carrego mays qu'atá reposta destas, e nam ou vera quem no poderá ser senam estes que o foram Dyogo Sylveyra e Amtonyo de Myranda que tyveram a grande dyta serem capytães duma nao e saberem-lhe o nome; e aynda Dyogo ida Sylveyra o emgeytava. Ora muyto bom hé mandar-me a my El-Rey a cousa que Dyogo da Sylveyra emgeyta, e mandar-me à Ymdya onde o filho segundo de varam nom é razam que venha, e fez bem porque quá nom vay ornem nom ache muy tas bombardas: qu'estoutro dya fui só' goardia de Deos e D'El-

(*Registo da Casa da Índia*, n. 317). No dia 10 de Dezembro do mesmo ano, porém, Gaspar de Melo escreveu de Goa ao Rei: «Cinco dos meus irmãos aqui morreram em vosso serviço. Nem sequer um deles recebeu uma mercê, com excepção 'de Vasco Pirez de Sampaio, a quem este ano oferecestes Dio, mas morreu antes.» (*Corpo Chronologico*, 1-68-98).

⁽²⁶⁾ A conquista da cidade.

⁽²⁷⁾ Nos meados do século XVI, havia pelo menos 14 pessoas com este nome na índia. O nosso Manuel de Sousa era primo de M. A. de Sousa e ide António de Aitaide, e capitão de Dio, como diz M. A. de Sousa na carta 9. Acompanhou Nuno da Cunha a Dio em 1531 como capitão de um navio; voltou em 1535 e lá ficou como capitão da fortaleza. Em Fevereiro de 1537 foi morto juntamente dom o sultão Bahádur. (SOUSA COUTINHO, 31, 64, 76, 78, 82).

⁽²⁸⁾ Como M. A. de Sousa escreveu na carta 11, era filho de João de Sousa, prior de Rates, e irmão de Tomé de Sousa, Vedor 'da Casa Real L. Ribeiro publicou, uma carta dele em *Studia*, I, 215-216.

⁽²⁹⁾ Heitor de Sousa de Ataíde seguiu para a índia em 1533 como capitão da caravela *Sphera*, (*Emmentia* 334). Era filho de João Lopes de Almeida (R. de FIGUEIRÔA REGO, *Gente de guerra que foi à índia no século xvi*, [Lisboa, 1929], 19). Em 1546 combateu em Dio e em 1550 em Coehim ('SCHURHAMMER, *Quellen*, n. 2542, 4592). Morreu nas Ilhas Maldivas em 11554 (SILVA REGO, *Documentação: índia*, VI, [Lisboa 1951], 111).

-Rey som dar huma barra e tres ou coatro peñl ouros passaram por amtr'as pemas dos remeyros, afora outros que nos pasavam polos focynhos; eles sam bem aconselhados.

Cá me fez 'Deos huma grande mercê na tomada duma fortaleza ⁽³⁰⁾. Eu sey bem que V. S. á de ter dyso tamto contenttamento como eu. Foy muy gram dyta porque, alem da cousa em sy ser grande e muy omrada, foy logo no pryncypio / e gemte fycou cremdo em my, o ganhar no começo boa fama é gram negocyo pera o credyto da gemte e mays desta que no desean más byen c'arruydos o quystyones.

V. S. m'á de fazer huma grande mercê porqu'estas cousas sam-m'a my c*á muy necessaryas, e nam á d'esquecer a V. S. Comygo amda hum omem muy valemte omem que á quynze ou dezaseys anos que quá serve El-Rey a mor parte do tempo sempre capytam dum bargantym qu'é cousa de gasto e de nynhum proveyto, e agora amda aquy comygo num e preza-se muyto dyso, e tra-los sempre muyto bem comoertaldios. Nam quer outra mercê dEl-Rey senam que o tome Com moradya. Ohama-se Mateus Pereyra ⁽³¹⁾, foy paje de Joam Radrygues de Sá. Beyjarey as mãos de V. S. mandar-me hun alvará em que o á El-Rey por seu, qu'elle o merece muy bem.

Estes mancebos fydalgos que comygo vyerom provarom cá muy bem, e Femam de Sousa ⁽³²⁾, fylho de Crystovam de Tavora, é mays fyno ca hum coral e trepa por huma escada coma dyabo; eu fydo a V. S. por ele. Dyogo Rodrygez ⁽³³⁾, o pyloto que veo comygo, é muy bom omem e muy bom ofycal de seu ofycyco, que nom pode ser mays, merece certo mercê he omra; a que nele muy bem cabe, que hé pyloto-mor da Ymdia, V. S. lho dyvya d'aver, qu'em Purtugal nom ahy homem pera yso com'ele e a my fará gram mercê.

Eu mando dá esta<pymenta que tenho d'ordenado. Á de ser comprada as mynhas custas, e se aynda sobr'ysa á de aver quebras nam vyrá a ser nada; / pera El-Rey hé muy pouca cousa e pera my hé muyto fazer-me mercê que seja sem quebras. Beyjarey as mãos de V. (S. aver-ma fazer lá pagar yso a mynha molher. qu'eu me contentarya d'achar lá dynheyro pera pagar as dyvydas qu'eu cá ey de fazer.

Ordene-me V. S. lá esas casas à sua vomtade e nam perquam por bayxo

⁽³⁰⁾ Damão.

⁽³¹⁾ Em 1538 era capitão da fusta *Santa Maria do Monte*, na armada de D. Garcia de Noronha {*Col. S. Lourenço*, IV, 249}.

⁽³²⁾ Este célebre fidalgo, companheiro fiel de M. A. de Sou9a durante este período, é frequentemente mencionado ñas crónicas contemporâneas. Em 1545 obrigou Ruy López de Villalobos a entregar-se; em 1546 encontrou-se com 'S. Francisco Xavier em Amboíno e desde 1548 até 15&1 foi capitão die Sofala ('Gf. SCHURHAMMER, *Quellen*, Index). Era irmão de Lourenço Pires de Távora.

⁽³³⁾ Seria o mesmo piloto Diogo Rodrigues que Sousa Viterbo mencionou nos *Trabalhos nautioos portuguezes* (Memorias da Academia Real, Vod. 5-2, [Lisboa, 1898], 276), e que foi feito cavaleiro por Afonso de Albuquerque?

qu'eu mam quero senam grandes escudarrões d'armas de pedrarya e compytyr co'Ymfamte Dom (Femando se fora ho meu vezynho nas suas casas. (Eu amdo tiam oleado de ver como me cá acho e tam corrydo de ver que cousa (hé este carrego, que nam sey o que lhe escrevo nem menos sey dizer o que me compre, por yso nom quero yr mays -pola istorya adyante senam fycar rogando a Déos que vos dê muyta vyda e muyta saude. Beyjo as mãos de V. S. e da Senhora Comdessa.

iDesta barra de Dyo aos xb de Novembro de 1534.

MARTYM AFONSO DE SOUSA.»

4. *Para D. João III, Rei de Portugal.*

[Dio, 15-Nov.-1534]. Fragmento, ed. FORD., *Letters of John III* (1931), (255-256 ⁽³⁴⁾).

«Depois que escrevy a Vossa Alteza da costa da Guiñee, Deus seja muyto louvado, trouxemos muyto boa viagem, sem temporaes e sem doenças, nem outra nenhuua necessidade das que nesta viagem soem d'aver, ainda que foy muy vagarosa por acharmos tempos contrairos e muytos levantes na costa do Cabo de Boa Esperança, que nos trouxe muytos dias em paio. E veidadeáramente hé o mor emgano do mundo em cuidar que ha hy monção de levantes e ponentes como hé fora dos tropicos, porque, agora que diziam que era a força dos ponentes, payrey vinte dias com levantes muyto rijos. E isto mesmo achey no Brasil, que também me diziam que avia hy monções; mas os hornees enfadanse d'esperar o tempo, e arribam, e emtam nam tem outra escusa sanam dizerem que ha hy estas monções; asy que eu ey que em todo tempo se pode vir à India, vindo -per fora da Ilha de Sam 'Lourenço, porque por dentro, quando as naos vem tarde, chama o canall o vento a sy, e a hy sempre levantes, a in'da que per dentro he muyto mais segura a navegaçam. E os mais dos erros que estes pilotos nestas navegações fazem, h'é por nam quererem aver vista da terra do Cabo de Boa Esperança, asy pera hyr por fora como por dentro. As vezes cuy-dam que levam huua rota, e eles vão muy desviados d'ela; e -avendo vista ida terra, se trazem alguu erro, enmendam-o; e d'aly se marquam pera fazerem seu caminho pera a India certo, ou ao menos com pouco erro. E ysto de ve Vosa Alteza de mandar dar Regimento aos pilotos, que ajam vista d'esta terra em toda maneira, porque hé cousa que compre muyto a voso serviço. E porque eu tive cá esta pratica com eles, e alguus me diziam que, imdo por fora, se nam ouvesem vista d'eslta terra, avela-yam da Ilha de Sam Lourenço, pera d'aly se marquarem; e ysto nam val nada, porque muytos se fizeram já por fora da ilha, e eram por dentro, e outros por dentro, e eram por fora; e todo este erro vem de nam aver vista da terra. E nam pase Vosa Alteza por isto, e mande-o poer em pratica dos

(³⁴) (Parece que a data é a mesma da carta 3.

pilotos; porque nenhum mao recado se faz senam por isto. Nam se espante Vosa Alteza de vos falar tam sal tamen te nas cousas de navegaçam, porque eu cuydo que tendes poucos em Portugual que a emtendam milhar que eu; e mais trabalho muyto pola saber, pois he pera vos servir com yso.»

5. *Para o Dr. Pero Vaz, Vedor da fazenda em Goa* ⁽³⁵⁾.

Chaul, 17-AbriM535 (*Col. S. Lour.*, I, 327-328v).

+

«Senhor

Huma carta de Vosa (Mercê me derom aos doze d'Abryl. Ho que m*a deu me dyse deyxava lá hum canhycimento d*El-Rey. Eu lhe beyjo as mãos myl vezes polo que nela me dyz, qu'eu vejo verdadeyramente que deseja Vosa Mercê que heu acerte, e sempre vos tyve por meu Senhor. E mays aveys de falar verdade a vosos amygos e servydores, poys estays lybre das payxões d:a Ymdya, que sam esperanças he receos, que diaqui vem falarem os amena cá todo9 ao som do padar.

E camto à armaçam pera Pegu o que mays o moveo foy pryncypalmente pergunta-lo eu alguns meus amygos e nam lhes parecer mal. Amtr'os coays hé o pryncypal, porque hé o com quem eu mays rezam tenho, foi Manoel de Sousa, e ajuntou-se também a yso ser cousa que m'a my El-Rey nom defemde, que nom hé tam pouco compyryr ornem seus mandados. / Porque tratar nam no defemde El-Rey senam ao seu Governador ou a ofycyays que tenham sua fazemda na mão, he o que El-Rey nom á por mal qu'eu faça nom me parecya que errava muyto em o fazer. Que o dar estas lycenças nam no cy eu por tam mao senam polas pessoas a que se dam, que o dynheyro que eu cy hé pera gastar em servyço d'El-Rey, e o que Trystam de Ga ⁽³⁶⁾

⁽³⁵⁾ M. A. de Sousa esteve em Baçaim quando, em 23 de Dezembro de 1534, Bahâdur, por intermédio do seu embaixador, cedeu aos portugueses este lugar com o seu território; e também esteve quando assenitaivam as primeiras pediras da fortaleza, enquanto o sultão, com imenso exército, avançava contra Chibor, para defendê-lo de Humâyun, imperador mogol. Durante a monção (Fevereiro-Dezembro de 1535), porém, M. A. de Sousa e a sua armada tiveram de ficar em Ghaul, ao pé das fronteiras de Cambaia, pois não se podia confiar em Bahâdur. Durante a sua estadia em Chaul, Sousa quis enviar ao Pegu um navio com mercadorias, mas o Dr. Pero Vaz, Vedor da fazemda, ouvindo falar no assunto, escreveu-lhe uma carta para avisá-lo de que isto era contra as ordens do Rei. Em resposta, M. A. de Sousa enviou a carta que segue.

(se) Tristão de Gá, feito prisioneiro do rei de Cambaia na batalha desastrosa de Chaul, em r5'07, quando D. ¶Lourenço de Almeida foi morto. Tornou-ae

trouzer será o que lhe a ele bem vyer; que bem sabe El-Rey e todo mundo que se eu trago vinhos 'de Purtugal e sedas e outras mercadoryas que nam hé senam pera as vemder omde mays valerem, he a ysto chama-se tratar. Eu avya que nam errava e por ysto o fazya, que verdadeiramente eu, Senhor, trago o pomto em nam errar: e crea Vosa Mercê que s'eu vyese a ter o quarrego nesta terra que dyzem que nam avyam de dyzer: *Omnys homo curryt*. Eu tynha já o oomtrato feyto camdo e9ta carta de Vo9a Merce me derom e mercadoryas compradas, 'de maneyra qu'eu nam podya deyxar de perder tres ou coatro myl pardaos, mas o que farey poys a Vosa Mercê asy parece hé todo o lucre que vyer / da-lo-ey pera El-Rey pol[o] custo. Nom quero tyrar desta armaçam nynhum ganho poys a Vosa Mercê bem nom parece, qu'eu desejo de vos comtemtar, porque sey que vos nom comtemta senam o bom. Àsy fyca a hyda pera El-Rey e nam pera my. Agora vos fyco em mays obrygaçam e vos tenho por mays meu Senhor, porque o que me Vosa Mercê naquela carta escreveo 'foy com'a d'omem amygo verdadeyro, e peço-lhe muyto por mercê que asy o faça sempre, porque me nam pode fazer em nynhuma cousa tamanha mercê, e me mande com que o sirva porque sou voso servydor verdadeyro. Nam falo aquy a Vosa Mercê em muytas cousas que tynha que vos escrever; deyxo-as pera o começo do veram. Beyjo as mãos de Vosa Mercê.

'Deste Chaul aos xbij de Abryl de 1535.

A servyço de Vosa Mercê,

MARTYM AFONSO DE SOUSA»/

Endereço: + Ao muyto prezado Senhor, ho Senhor Doutor Pedro Vaz, veador da fazemda d'El-Rey noso senhor nestas partes da Ymdya.

Do 'Capytão-mor do mar.

Por outra mão: -f Esta hé a carta que eu disse a Vosa Mercê.

6. *Para D. João III, Rei de Portugal.*

Lâthi (Kâthiâwâr), 1-Novembro-15'35 (Co/. S. *Lour.*, I, 294-300 v.), ed.

Studia, I, 234-239. Apenas existe uma cópia ⁽³⁷⁾.

feitor de Dio dois anos mais tarde e era frequentemente mandado ao dito rei como -embaixador; por exemplo em <1513, 1515 e 15'3'3 (CORREA, I, 76>8, 957; III, 495; *Cartas de Albuquerque*, I, [Lisboa, 1884], 240-241; II, [1898], 151).

⁽³⁷⁾ No dia 2*3 de Junho de 15'3'5, Francisco Lourenço, um prisioneiro português de Bahâdur, que o acompanhou até Chitor e conseguiu fugir, chegou a Chaul e informou M. A. de Sousa de que o sultão tinha sido vencido e se retirava com toda a pressa para Dio perseguido pelos Mogores vitoriosos (CASTANHEDA, 1. 8, c. 97). Nos meados de Agosto chegou outro prisioneiro do sultão e trouxe de Bahâdur uma carta em que este pedia ajuda. Seguiram-se outras mensagens e finalmente, no princípio de Setembro, M. A. de

7. *Para D. António de A taide, Conde da Castanheira.*

[Lâthi] Acampamento do exército do rei de Cambaia, 1-Novembro-1535
(*Col. S. Lotir*, I, '83-83 v.), ©d. *Studia*, II, 240-241 (38).

8. *Para D. António de Ataíde, Cortóle da Castanheira.*

Dio, 4 a 12-Dezembro-1535 (*Col. S. Lour.*, I, 27-8-2'82 v.), ed. *Studia*, 'I, 1241-245 (Parte). A edição de *Studia* é indompleta: omite o importante passo acerca da comenda de Nuno Furtaldio, a morte do irmão de iSou9a, João Rodrigues, e a carta do seu outro irmão, Pero Lopes. Além disso, o editor indica a primeira data, quando a primeira metade da carta foi escrita, como sendo *14-Dezembro-1 534*, enquanto o texto manuscrito tem claramente *4-Dezembro-1535*. A 2.^a via não menciona esta primeira data e tem, aqui e ali, algumas variantes, mas a substância dos dois textos é a mesma. Publicamos portan to aqui esta *via*. A ¡1.^a via foi publicada pela primeira vez na *Revista de História*, Vol. IV (1915).

9. *Para D. António de Ataíde (2.^a via).*

Dio, 11:2-Dezembro-1535 (*Col. S. Lour.*, I, .283-286 v.).

«Ymlustre e muy manyfico Senhor

(Eu cuydei que estas cartas que tinha escrytas partisem loguo, por yso nam escrevy mais larguo a V. S. porque emtam nam tinha tempo pera yso. E depois socederam as cousas d'el-rey de Cambaia <de feiçam, que (Lhe foy

Sousa partiu para Dio onde, passados uns dias, chegou também Simão Ferreira, secretário de Nuno da Cunha. No dia 25 de Outubro assinaram um tratado. (Bahâdur permitiu aos portugueses que construissem uma fortaleza em Dio e os portugueses prometeram ajudá-lo contra os seus inimigos (BOTELHO, *Tombo do Estado da Índia*, in LIMA FELNER, *Subsídios*, [Lisboa, 1868] 218-223; CASTANHEDA 1. 8, c. 98-102). Nos fins de Outubro, em virtude do tratado, M. A. de Sousa e mais 40 portugueses acompanharam Bahâdur contra os Mogores e (Sousa enviou de Lâthi, a 20 léguas ao norte de Dio, esta carta. Sobre os acontecimentos : Autobiografia, 140-142«

(38) Esta pequena carta «do acampamento do exército do rei de Cambaia» era enviada, segundo parece, de Lâthi, como a carta anterior que a acompanha.

necesario tomar-se aquy a <Dyo⁽³⁹⁾ arrale achey aynda este navyo por partir, com que eu muito folguey he ditremyney de mamdar este meu criado com estas minhas cartas, porque a gemte que nele vay me hé toda sospeita por parte de Nuno da Cunha, que tam grande odio me tomou por este neguocio idie (Dyo⁽⁴⁰⁾, que outra nenhuma quebra ouve nunca am'tre nós nem rezam pera yso. He posto que me ele bebese ho sangue se pódese he que dê muy eraros synais dyso, sô eu tildo em tam maa comta, quamto hé esta parte de mali sofydo, que aynda que ele tyvese toda a culpa sey que avyam de dar a mim laa, que quá bem sabem a verdade, he por yso eu gramjeo este neguocio de ifeiçam que pareça que amtre nós nam há quebra nynhuma senam toda boa comfyrmidaiç. He por aquy verá V. S. que a todos se nos muda a comdiçam, ha minha mollher em vos dar as esporas he vós em as tomardes hy eu soffrer. Praza a Oeus que me pague El-Rey mylhor ysto he quam bsm no quá syrvo do que até quy me tem paguo: que se me deu grande ordenado foy fazer-me despemseyro dele, que idou eu hò demo hum reall se me dele fyqua, e mor o trazia Dom Estevam⁽⁴¹⁾ e Dom Luis⁽⁴²⁾. He se me laa ham emveja a ele, ajam, porque eu juro aos samtos Avamjelhos que nam tem ninhuma rezam. Parece qu'eu nacy pera syrvyr he trabalhai toda mynha vida sem dyso tirar outro ymterese senam o guosto qu'eu levo em syrvyr El-Rey noso senhor, / mas eu confyo tamto nele he iem quam vertuoso hé, he na lembrança que Jhe V. S. de mim há de dar, que 'estes trabalhos he gastos que eu quá faço m'á de pagar com muita omra he muyta mercê.

De quá vay tamta jemte he quá também há tamtos que escrevam as miudezas desta terra que he escusado escreve-las eu a Vosa Senhorya nem a El-Rey senam soo que nesta terra he agora necesarsa mays jemte que nunca com estas fortalezas que se fazem, sscilioet: Dyo he Baçaym am d'escomber em sy hum grande golpe de jemte, porque lhe hé necesarea he quá há mui pouqua: porque aguora aquy combatido ho mato por totalas partes, he com parecei que nam há quá na Yndya homem que haquy nam seya, nam pasam de mil he quynhemtos omeens he nam sey aimda se chegam. He se lá dyserem a Vosa Senhorya outra cousa myntem-vos muy grande myntyra como vos diram

(39) As forças superiores dos Mogores obrigaram Bahâdur a voltar a Dio. Acerca da expedição, além desta carta e da Autobiografia, ver LOPO COUTINHO, 63-64; Garcia da ORTA, que acompanhou M. A. de Sousa nesta ocasião, *Coloquios dos Simples e Drogas da India*, II, [Lisboa, 1895]., '15-16, 140; CASTANHEDA, 1. '8, o. 108, 12'0; CORREA, III, 651-558; COUTO, Dec. 4, 1. 9, c. 10; BARROS, 'Dec. 4, 1. «6, c. 16. iSegundo Lopo Coutinho e Correa, Bahâdur retirou-se até Ahmadâbâd.

(40) Nuno da Cunha não podia perdoar M. A. de Sousa por ter chegado a -Dio, privando-o a ele, Governador, da honra de receber de Bahâdur a concessão para construir uma fortaleza em Dio.

(41) D. Estêvão da Gama, que em 15*24 seguiu para a índia como Capitão-Mor da armada, e futuro Capitão de Malaca.

(42) D. Luís de Meneses (Cf. carta 1).

outras muytas que nam sam verdade. Este meu cryado que vay dará a Vosa Senhorya dysto muy largua comta he asy des tes negoucyos die iDyo.

iDespois que est'outra a Vossa Senioria escrevy ⁽⁴³⁾ se partyo el-rey de Cambaya ⁽⁴⁴⁾ do lugar domde estavamos com nova dos mogoures he nos fomos asy retraemdo, porque ell-rey dos mogores ⁽⁴⁵⁾ trazya muy grosa jemte he elle mui pouqua, he chegamos a huma cydade gramde omde esta huma fortaleza boa ⁽⁴⁶⁾ omde el-rey pousou, hy eu ahy demtro dom ele, porque sempre pousava nas suas casas. He el-rey dos mogoures tomou huma tresnoutada com dez mil de cavallo he veo-lhe tomar as espias de maneira que nam ouve tempo pera mays que pera nos armar he sayr por huma porta he eles emtrarem por outra. Como / el-rey sayo ao campo quysera-se ir, hy eu lhe dise que se nam fose, porque segumido a sua jemte amdava amedorentada dos mogores, que, se começase a camynhar, que se poryam em fogyda he que lha mataryam, he que elle corrya mui gram iysco: senam que, ou dese neles poys vynham camsados, ou se fyzese forte nhum alto que ahy estava até vyr ha noy te, que elle sabya a terra he os seus, he os outros mui mal, he que emtam se .podya yr muito a seu salvo. Pareceo-lhe elle ysto mylhor porque tynha pouqua confiamça na sua jemte por quam maa de pelleja hé ⁽⁴⁷⁾. He como foy de noyte fomo-nos sem nos elles sygyrem nem acometerem-nos omde estavamos, senam poseram-se a rouibar ho lugar he queymarem-no. Neste meio tempo nunca me el-rey deyxou de ter pola mão, nem bolya paso sem mym, chamam do-me senpre irmão, hy eu fazemdo-lhe feros he rebolaryas, que fiquey amtre elles tydo em muy gramde comta, mas querya mais dous maravydys. Daquy nos tornamos a Dyo⁽⁴⁸⁾ omde fico ajudamdo a fazer esta fortaleza he gastando dese dinheiro que busco emprestado, posto que éll-rey me fez mercê ide oyto myi e oytocemtos pardaos, mas *quyd sit inter tantos?* ⁽⁴⁹⁾.

Syam Fferreira ⁽⁵⁰⁾ vos dyrá laa setemta ⁽⁵¹⁾ mymtyras he tudo ho que vos delle dyserem crede agora, porque verdadeyramente açoutava quá este ornem como hum mynino; he ysto abastaa quam to a este capitolio porque gramides sam as esdreturas que nelle falam.

(«) Carta 7.

⁽⁴⁴⁾ Bahâdur.

⁽⁴⁵⁾ Humâyun.

⁽⁴⁶⁾ Ahmadâbâd.

⁽⁴⁷⁾ A 1.* via tem «por cam má hé de peleja».

⁽⁴⁸⁾ Conforme a *Chronica Geral dos successos do Reyno de Gusarate a quem chamão Cambaya*, escrita por um português ao serviço de Bahâdur, o sultão já nos meados de 'Dezembro de 1535 estava outra vez em Dio com M. A. de Sousa, pois conclui o seu manuscrito com as palavras: «o Rei fugiu para Dio, onde actualmente está, no dia 2>7 de Dezembro de '1535, esperando que os portugueses o ajudassem» (Schurhammer, *Quellen*, n. IS'2).

⁽⁴⁹⁾ «Sed haec quid sunt inter tantos?» (*João* 6, 2).

⁽⁵⁰⁾ O secretário do Governador.

⁽⁵¹⁾ Na 1.ª via: *sesemta*.

V. S. está llá errado nhuma cousa, he porque sey quam desejoso hé Id'acertar vo-llo escrevo,/ he 'tambem porque hé servyço d'EIU-Rey. Hy hé que se nam asemte nynhum gromete de sobresaemte pera a Irndya -porque nunca nynhum dellles he marynheyro, he hé do mayor engano do mundo, nem omem d'armas, senam fyquam huma gemte bragamta sem se nunca querer embarcar pera nynhum-a parte, he fycam pollos palmares he hacupam hos solidos he emchem os calemos, que parece que estaa a Ymdya chea de gemte. Trabalhe Vosa Senhorya por asemtar gemte lympha, he tenha o olho em crystãos novos, porque se vem quá muitos todos ha chatynar. Estas cousas nam ñas escrevo ha El-Rey porque me parece que habasta ha V. S. ⁽⁵²⁾.

Beyjo as mãos de Vosa Senhorya polla mercê que me faz do conselho que me em sua carta daa he pol-a lembrança que dyz que tem laa das mynhas cousas. Eu nam tenho outra esperança senam a vosa, he ha p-ryncipall rezam que haa, hé quam virtuoso soees he o que fazees a todos com quem nam tendes ¡tamta rezam como -dommyguo. ⁷ L-embre-se V. S. que nam tendes nyngem mais voso parem te qu'eu, que hajaa de poer sua pessoaa he fazemda -por Vosa Senhorya como ho eu ey de fazer, he ysto hé asy senam nunca me Deus desta terra leve. Eu escrevo nest'outra a Vosa Senhorya como mamdo peidyr a Ell-Rey a comemda que fycou de Nuno Furtado ⁽⁵³⁾. Peço-vos que me ajudeys he lembre-vos quam pobre sam, he cam pouco tenho, he de que y da de he quamtos fylhos, he eu nam sey outras horatorias senam esitas pera vos dyzer,/ he ter mui bem syrvydo a Ell-Rey pera merecer toda mercê que me fyzer.

Meu irmão João Rodryguez hé falecydo ⁽⁵⁴⁾. 'Deus sejaa louvado com tudo, que destas romaryas, em que omem amda, este hé o mais certo galardam que ho mundo daa. Dar-lho haa Deus, que hasy ho espero eu, poy morreo pelejando contra os ymyguos -da ffé he em syrvyco do se-u Rey. IFycaram-lhe quatro myl cruzados, que nam tinha mais nem nos podya ter, segundo elle acudya a muyta jemte necesytada em Malaqua omde elle estavaa. A estas Cousas amda omem quá avemturado cada dya, he agrave-se mui embora Dom Francysco Lobo he Dom 'Pedro Mascarenhas he dem-lhe quantas terras fycaram de Pedro da Cunha todas juntas he a mym muita da merda.

Pedro López ⁽⁵⁵⁾ m'escreveo que Vosa Senhorya querya hum pedaao desa terra do Brasyl qu'eu llá tenho ⁽⁵⁶⁾. Mamde-ha tomar toda ou ha que

⁽⁸²⁾ O trecho seguinte até *Estas yam jaa* é omitido na edição de L. Ribeiro.

⁽⁵³⁾ Nuno Furtado de Mendonça foi à índia como Capitão tdo *São Bartolomeu* (Correa, UI, 54'0; Figueiredo Falcão, 156). 'Sousa também fala da sua morte nas cartas 6 e 7.

⁽⁵⁴⁾ João Rodrigues de Sousa foi morto em 15'34 na famosa 'batalha oom a armada do rei de Ujong Tanah no rio Muar em que D. Paulo da Gama também encontrou a morte (Castanheda, 1. 8, c. 78; Couto, Dec. 4, 1. '8, c. 11).

⁽⁵⁵⁾ Seu irmão.

⁽⁵⁰⁾ Em 6 de Outubro 'de 1534, M. A. 'de Sousa foi nomeado *donatário* das *capitanias* do Rio de Janeiro e São Vicente no Brasil e o decreto fod oon-

quyser, que (esa será pera mim ha mayor mercê he a mayor homra do mundo ⁽⁵⁷⁾).

(Estas yam jaa por asynar se eu nam acertara *agora* de vyr, porque me levou el-rey daquy tam de-presa, que nam tive tempo pera mais que pera me embarcar inhuma fusta, porque nam sabe vyver sem mym. Ffoy-me Deus topar com hum rey que fcem tam pouquo syso com'eu: (S'eu com este nam medro jaa nam medrarey com nymguem./

IDE Manoel de Sousa, voso prymo he meu, nam se pode mais escrever senam qu'á Vosa 'Senhorya de ter muito guosto ymfymdo de ter hum tall parem te he todos ho de vemos ide ter os que com ele temos reram; he certo que quá nem em nynhuma parte hahy cousa por grande que seya que nele nam Caiba. Elle fica agora aquy nesta capitanya de Dyo, a que se elle offrece a muyto gasto he a muito trabalho. He nam crea Vosa Senhorya que lha deram pera lhe fazer mercê, senam porque era joguo forçado porque na Ymdya nam avya outrem pera huma cousa com'esta.

Jeam de Sousa se ffaz quá hum omem omrado, he dyguo-vos que gasta muyto he serve muy bem. He Vosa Senhorya deve de trabalhar por lhe ffazer fazer mercê, porque a merece muy bem, hy eu vos juro aos Avangelhos que elle hé hum omem dos omeens a que mays jente dá de comer he que mays homradamente estaa; e asy tambem o ffaz Femam de Sousa, ffilho de Crystovam «de Tavora, que hé omem pera guovemar o mundo. Eu lhe dey huma capitania 'de huma galé he coube nele tam bem, qu'asy quyrya eu que me saysem todallas cousas que eu ffizese. He certo qu'eu levo muito gosto destes mamcebos que comyguo vyeram sayrem tamto omeens de bem como saem. Manoell de Sousaa ⁽⁵⁸⁾, f filho de Dyogo ide Sepulvada, há de ser hum omem muito homrado, he Martym Correa ⁽⁶⁹⁾, f filho d'Amryque Correa. Escrevo y sto a Vosa Senhorya porque quando cousas suas lhe vyerem ter à mão que ffolgusys de lhe ffazer merdê porque a merecem e sam pera / tudo. Gaspar de 'Sousa ⁽⁶⁰⁾, ffilho de Symam de iSou9a que foy veador do Comdestabre, está aquy gastando hun pouco de dinheiro que trouxe em dar de comer a sesemta homens: he certefico a Vosa Senhorya que hé omem homrado he pera quallquer cousa hé sesudo. Lembre-se Vosa Senhorya laa delle porqu'ê muy desemparado.

Os syrvyços de Manoel de Macedo ⁽⁶¹⁾ sam mui sabydos, hy eu ey que

firmado em 20 de Janeiro de 15'3'5 (Cf. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, III, Porto, 1924, jH07, 220).

⁽⁵⁷⁾ A 1.^a via acrescenta aqui: «ODE 'Dyo, oye 4 de Dezembro r53'5».

¹⁽⁵⁸⁾ Manuel de Sousa de Sepúlveda, que se tomou famoso pela sua morte trágica depois do naufrágio do *São João*, em 24 de Junho de 1552.

i⁽⁵⁹⁾ Martim Correa partiu para índia em 1535 (*Emmentz*, 334); de 1548 até '15'5'0 foi Capitão de Dio e em 15'5'il regressou, doente, a Portugal (Schurhammer, *Quellsn*, n. 4592).

•⁽⁶⁰⁾ Morreu no primeiro cerco de Dio, lutando heroicamente contra os turcos (Sousa Coutinho, 189-191); o seu irmão, Álvaro de Sousa, obteve uma viagem ao Pegu (Schurhammer, *Quellsn*, n. 49'8).

<⁽⁶¹⁾ Capitão de Chaul (1533-,!5135).

hé escusado escreve-los a Vosa Semhorya, senam sey-lhe dizer que lhé hum ornem muy 'homraidio he que quá serve muito bem El-Rey, he que deseya muito syrvyr. Vosa Semhorya faça delle comta porque hé amem muito ryco <he mu'ito pera yso. Elle ffyca quá este armo porque o ffizeram fyoar, omdie despemde muybo he tudo há por muito bem empregado 'pois hé em syrvyço d'TEI-Rey.

•Noso Senhor a vyda e estado die V. S. acrecemte por muitos annos.
De iDyo oje xij dias de iDezembro de 15315.

Servidor de V. S.

(MARTYM AFONSO DE (SOUSA.)) /

Endereço: + Ao ymlustre e muyto manyfido senhor, o (Senhor Conde da Gastamheira.

Por outra mão: -f- De Martim Afonso. Do anno de il 535.

10. *Para Fernam d'Alvares de Andrade* [?] (62).

Cochim, 24-Dezembro-d'53'6 (*Col. S. Vicente*, 13, 435-430).

+

«Sennhor

Se eu ouvese d'escrever a Vosa Semhoria tudo o que vos devia d'escrever, nom acabaria daquy a hum ano, e homem qua tanbem por o seu piolhete tem neguocio e tanto trabalho, que eu vos juro aos santos Avamgelhos que huma soo ora nom tenho de desquanso, e há tres messes que estou aquy, ou muy perto deles, com huma armada (63) e sem dinheiro nem mantimentos, e muita guerra ie muito neguocio com os senhores deste Malavar, que hé o moor trabalho que nenhum, porque são eles muy vaguarosos e muy mentirosos; porem enmendam isto com meter os cans na mouta e arre darem-se a fora e quererem que nós soos ffaçamos tudo isto. Este neguocio daquy do Malavar hé ele de muito periguo e de mui pouco proveito, e o Governador por este respeito lançou-mo (às costas, sendo coussa a que ele ouvera de vir, e que nenhuma aguora ma índia tanto compre, porque o ser todo moso

(62) (Concluimos da carta lió que esta foi esorita a Fernam d'Álvares de Andrade. Desde Abril até Setembro M. A. de Sousa permaneceu em Goa, mas mal acabou a monção já dirigia a sua armada para o Malabar a fim de lutar contra o Samorim e o seu aliado, o rajá de Repelim. (Na Carta recomenda alguns dos fidalgos que o acompanharam nestas guerras.

(63) Largou de Goa em 119 de Setembro com 15 navios de vela (Barros, Dec. 4, 1. 7, c. 19).

quá e delaa lié esta pimenta, e a este ffin fiaremos tudo o que se quá faz. E cuido eu que se aquy nom viera que a carregua passara mui gram risco. Tenho que dar muitas graças a Deus, que despoi-s que aquy cheguey se socederom as cousas a pedir de bota; e nom me meto eu agora em contar a V. &. as novas de como foy e de como pasou, porque as sprevo a El-Rey ⁽⁶⁴⁾ omde as vós aves de ver, e vaom tambem de quá tantos que vo-lo dyrão que escusarão homem deste trabalho, amtre tantos outros como aguora tenho.

E ey medo que ajaes por graça dizer homem trabalhos e cuidados, mas mal me ff aça 'Deus se eu nom queria ante cavar com huma eixada, qua servir a El-Rey da maneira que o aguora syrvo; porque, ainda que ele hé com muito trabalho, o moor de todos hé, e o que me a mim aterra, faltarem-me itodaldas cousas, ide maneira que nom poso ffazer o que devo/nem nada do que entendo, porque tenho eu as mãos atadas com nom ter dinheiro nem provimento nenhum do que pera a armada hé necesario. Se o peço ao veador da fazenda, diz-me que o nom tem, e diz muy gram verdade, e Nuno da Cunha tem muy -pouco Cuidado dyso, e a mor graça do mundo hé que vos ouvy eu já laa dizer, Senhor, que Nuno da Cunha entendia mui bem as cousas da fazenda e tinha muy boom cuydado delas. He muy gram verdade mas isto ha-se d'entender da sua, que da dEl-Rey nunca se vio moor orfindade nem deseparo. E olhay, Senhor, que tornam toda esta culpa a vós, porque anda 'Nuno da ICunha por quá deitando fama, que nom tem outro amiguo nem quem o sustenha quá se nom vós, e tem cheo todo mundo que -anda iem contrato de casamentos de huma ffilha vosa com hum seu ffilho, e que eu saiba a verdade destas cousas nom a sabe outra gente.

Isto se vay tudo a perder, tem muita necessidade de lhe acudir El-Rey e de se nom esquecer tanto das cousas que se quá ffazem mal ffeitas nem tambem dos serviços que lhe quá fazem. Este mal tem esta terra que hé tam longe, que quando laa os serviços cheguam parecem já mui pequenos, guastos à longura do caminho; e yso mesmo ff az as culpas, asy que vem a ficar tudo cage hum, e que quem leva mais dinheiro ese vay millhor livrado. Emquanto ysto asy for El-Rey nom será servido, e ey medo que nom seraa servido bem nem mal, porque ysto de quá vay de feição de ey medo que se acabe muito asynha se lhe nom acuidem.

Eu, Senhor, nom pude nunca de Nuno da Cunha ffazer boom amiguo despois destas cousas ide Dio e também ffuy eu vendo mais as cousas de quá e entendo-as. E o descuido que pera o serviço dEl-Rey noso senhor avya, e pola obriguação que lhe eu tenho, ffoy muy necesario lembrar e Nuno da ;Cunha algumas que ele nom ffazia e outras que ffazia, e isto com toda ten-perança do mundo, e nom em lugares públicos, senom diante o secretario dEl-Rey e o seu ouvidor geral. Nom toma ele bem nenhuma «destas cousas e pesoulhe muito de lhe eu ver o joguo e guanhou-me grande odyo: isto nom pera que totalas cirymonyas e rissos nom aja antre nós como se fossemos os mores amigos / do mundo. Dou esta conta a Vosa Senhoria porque amtes vos quero eu estar saneado destas cousas e que saibaes,

(⁶⁴) Carta II.

que nom hé por minha culpa «senom pelas muitas culpas suas; e ysto nom diguo eu homens que de quá vão, mas a enxarcia das naos o dyrá.

Vosa Senhoria m'escreve numa sua carta que estei descansado das minhas cousas. Eu o estou muito pois vos tenho laa, nem quero ffalar nelas. Bem sey que á-vos ide ffolguar de iter hum servidor como eu homrado, tanto mais omrra vosa há de ser.

Á que tyenpo envejeey em Cas» til ha que an dês vos laa iem briguas e em bandos sem eu laa estar, «porque eu ese hé o meu tiro a vosear todos eses, ainda que eu sey que pera tanto cavalhero chegua cavalguada es esta. E pois as cousas laa andam em guerra e mete-nos quá em cabeça que em pasar El-Rey alem, mando a Vosa Senhoria huma tenda *ubi ffilius hominis reclinet caput* ⁽⁶⁵⁾. Leva-a Bento Laboreyro voso vasallo; e já isto vay bem começar eu a peytar, porem olhay Senhor que nom me cornais a ysqua.

O Doctor Pedro Vaaz vay oom fundamento grande ide ser voso servidor, e sey eu que avês vós de folguar com a sua amizade, soo por quam linpamenbe elle quá viveo ⁽⁶⁶⁾. iPfolgue V. S. de lançar mado dyso, porque vos seraa ele muy boa ajuda per'as cousas de quá, porque has entende ele mui bem. Nem me pesará a mim que entenda ele, que ffiz eu este mexerico, porque se mostrou ele quá muito meu amigo.

Ambrozyo do Reguo ⁽⁶⁷⁾ hé voso servidor e quis ele que vo-flo escrevese, e hé o ele certo. Tambem me nom pesará «de lhe V. S. dizer que o ffiz eu.

João de Sousa se ffez quá homem muy omrrado e tem tele servido muy bem e guastado como diabo. Tenho-o eu ajudado o que pude com minha ffazenda, que eu quá com al nom poso, que este meu carreguo hé huma muy graciosa cousa. Ora aguora cuida eu que o ajudo muito mais em ffazer esta lembrança a V. S. e pedir-vos que lhe façaes laa fazer mercê, porque alem de V. S. fazer virtude hé obra de misericordia: eu vos juro aos santos Avangelhos que o fazes a quem o merece a El-Rey./

Tambem vos lenbro Heitor de Sousa, que nom tem outrem senom V. S., e vay-se ele já pondo como sol e hé neesaryo socorer-lhe; te lenbre-vos que põe o Ataide arriba do Sousa, que nom pode mays ffazer polos Ataides.

Laa vay hum homem velho que se chama Symão Caeyro, ⁽⁶⁸⁾, que há muito que quá anda e tem quá ssrvydo, e alem e em sesenta partes. E estes todos, Senhor, nom tem com que se salvar senom apeguaren-se a esta

⁽⁶⁵⁾ «Filius autem hominis non habet ubi caput reclinet» (*Lucas 9, 5'8*).

⁽⁶⁶⁾ Este trecho é uma das razões para dar à carta 1«1 a data de .153^6 e não a de 1537.

⁽⁶⁷⁾ Em 1522 Ambrósio do Rego embarcou para a China; iem 1527 era feitor e alcaide-mor na costa de Coromandel; em 1533 regressou a Portugal para voltar em 1536 como «Capitão do *Sancto Antonio* (Castanhaia, 1. 6, c. i, 13-15; 1. 7, o. 16; Correa, III, 459; Figueiredo Falcão, li57).

⁽⁶⁸⁾ Em 1526 Simão Caeiro acompanhou Pero Mascarenhas de Malaca à índia, como seu ouvidor geral e foi seu procurador no processo contra Lopo Vaz de Sampaio, na controvérsia sobre a sucessão no governo de índia (Castanheda, 1. 7, c. 27-28, 31, 5>0).

taboa de vosa virtuiie, que ffazês por todos os que o merecem. Pedio-me, Senhor, que fizese esta lenbrança a Vosa «Senhoria dele, e faço-lha eu porque me parece serviço de Derus.

«Nom m'escreva V. S. tantas santidades, quantas me escreveo nestas cartas que me aguora derom, porque me parece que há de vir loguo tras aquylo que tome as cousas em paciencia como da mão de «Deus e eu são muito impaciemte. Noso Senhor a vida e estado de V. S. acrecente por muitos anos como eu desejo.

De Cochim a xxiiij^o dias de Dezembro 'de 1536

MARTYM AFONSO DE SOUSA»

11. *Para D. João III, Rei de Portugal.*

Cochim, 24-Dezembro-153'6 (*Col. S. Lotiz*, I, 442-443v.), ed. *Studia*, I, 2117-230.

A carta tem a data de 24-Dezembro-1537, mas o contexto mostra que foi escrita em 24-Dezembro-153'6, como a anterior. Por exemplo: 1. na carta 10, o autor diz que manda ao rei todas as notícias acerca da guerra no Mallabar; isto é o que ele faz na presente carta, descrevendo a luta contra o Samorim e o seu aliado, o rajá de Repelim, em 153>6; 2. em ambas as cartas se diz que o Dr. Pedro Vaz -está de partida para regressar a Portugal; 3. afirma-se que OBahâdur, que foi morto a 14-IFevereiro-153'7, está a in'ia vivo; 4. o autor diz que recomendou Vasco Pires de Sampaio ao rei há (dois anos, o que ele realmente fez na carta 3, 'datada de 15-Nov3mbro-1534; 5. não se refere à sua grande vitória em Coulete, em Fevereiro-153/7.

12. *Para D. António de Ataíde, Conde da Castanheira.*

Cananor, 15-Janeiro-1537 (*Col. S. Lour.*, I, 341-341 v.).

«Ylustre e muito magnífico Senhor

Despois de ter escrito a V. S. me sudedeo ysto quá que escrevo a El-Rey noso senhor ⁽⁶⁹⁾. E porque vós o avês ide ver me lescusso deste trabalho, senom dizer-vos que fica a Yndya de feição que nom há cousa pera aver doo senom dela: porque aquy onde ando há cinco meses que sostenho esta armada neste Malavar buscando dinheiro enprestado, e tenho-o escrito ao Oovemador trezentas vezes que acuda a ysto ou mande com que se sostenha. Nom tam soamente nom veio, mas antes mandou por duas gualês c'os capitães e gente

(69) Carta 11.

que traziam, que era a mor fforça que nesta armada andava, e com lhe escrever que se lhe eu nom dese licença que se ffosem; e eu já aguora nom tenho nem posso aver com que a soster nem ele nom no manda. Asy que hy nom há mais que ffazer que vara-la .em Cochim, pois tudo hé perdido. Beyjo as mãos de V. S.

De Cananor a xb dias de Janeiro de 1537.

IMARTYM AFONSO DE SOUSA»/

Endereço: Ao ylustre e muyto magniffico Senhor, o Senhor Conde da Castanheira etc. meu senhor. IIª vya.

13. *Para D. João III, Rei de Portugal.*

Codiim, 16-Jan.-153*8 (*Corpo Chronologico*, 1-60-66).

+

«'Senhor

iFfrancisquo d'Azevedo ⁽⁷⁰⁾ a seis annos que amda mesta terra. Dos tres que ho eu vy servir certeffiquo a Vosa Alteza que forão tam 'bem e Oom tamto trabalho que ninguém averá imveja. Vay aguora pedir mercê a Vosa Alteza. Elle a merece tão bem, que será empregada nelle. Não lhe estranhe V. A. yrse neste tempo da Imdia porque é casado e não está bem aos homens de sua calidade amdarem nesta terra e terem-na molher em Partuguall[!] tão pobre sem elles qua terem com que servir V.A. Noso Senhor a vida e reall estado de V. A. guuarde e acrecemte.

iDe Cochim aos XVI di[as] de Janeiro de 153'8.

MARTYM AFONSO DE SOUSA»

Endereço: A El-rey nosso Senhor.

(7º) Francisco de Azevedo Coutinho era segundo filho de Pero Lopes de Azevedo, que em 1519 foi morto pelos mouros perto de Arzila (Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, Lisboa, 1915, 271-273; *Chane. D. João III: Doações*, 3*9, 72). Casou com D. Ana, filha de Aires Pereira de Lisboa (Andrade Leitão, *Famílias de Portugal*, I, 274, 2'82). Em 1541 obteve duas viagens a Maluco, para onde foi em 1544 com Jordão de Freitas. Quando estava de volta em il54'5 com o sultão Hairun, encontrou em Malaca S. Francisco Xavier e depois acompanhou D. João de Castro a Dio, onde, no dia 10 de Novembro de 1546, foi morbo na batalha célebre que salvou aqudla praça (Leonardo Nunes, *Crónica de Dom João de Castro*, Cambridge, Mass., 1936,131).

14. *Para D. António de Ataíde, Conde da Castanheira.*

•Costa do Malabar, H8-J<aneiro-«ll5i3i8 (Col. S. Lour., II, 33<9-34'0v.).

«YÛustre e muito magnifyco Senhor

'Se Vosa Senhorya folgua de quá yrem boas novas de mym, como me na sua carta dyz, nam no erra, que verdadeyramente qu'eu ey que nam temdes vós moor servydor nem mays certo qu'eu. E bem sey eu que vos am de lysomgiar e crymonyar outros mays qu'eu, mas a pesoa e a fazemda de nynhum deses à Vosa Senhorya de ter tam derta camdo lhe compryr com'a de mym. E se isto asy nam fose também seiya comtra natura, que homde afhya tamto parentesquo e tamta comersaçam, forte cousa avya de ser ho porqu'ysto avya de quebrar. Asy que eu por esta mesma rezam ey que nam tenho nymguem senam a vós, e eu ey isto por tam certo que todalas palavras que nysto guasto me parecem escusadas.

(Dyz-me V. S. em sua carta que folgua El-Rey muito d'ouvyr boas novas de mym e leva nyso g ram de gosto e grande comtemtamento. Veidadeyramente eu lhe mereço tudo porque o syrvo com a alma e / com ha vyda. Muy to perto estamos de ver se hé asy, porque som eu já velho para me paguarem com palavras. Dyz-me V. S. tambem que nam crea nada do que me quá dyzem do capytam-moor desta terra. Eu asy o faço porque nam cuydo eu que estando nela El-^Rey há de marndar outrem, nem quá nam afyrma nymguem nada senam hus huma dousa outros outra; senam o voso Pedr'Omern que dyz que vem Vosa Senhorya e que vós lho dysestes. Ora se vos lá dyserem alguma cousa nem no creaes, porque per yqy verés que cou9a hé lomguas vyas.

Escreve-me V. S. que seya muyto amyguo de Nuno da fCunha e muito obdyemte. Já me comtemtaram obdyiemte porqu'asy lho som eu, e se lá dyzem outra cousa hé muy gram memtyra, porque, como estou omde elle está, ho acompanho e cryrmoneo como ho mays tryste escudeyro que quá há, mas amyguo nom sey eu, por omde se V. S. fumda que o seya eu, s'eu aimda que tenha descomtemtamento delle, ho que dyzês que credes qu'eu nam terey, eu nam sey por que rezam vos parece, Senhor, que o eu nom devo de ter muyto dele, que segumdo as obras que m'ele quá faz nynhuma rezam hahy pera nós seremos muyto manos. INão deyxo eu de ter muito em mercê a V. S. esta lembrança porque a faz elle coma msu Senhor he deseysoso qu'eu nam erre,/ mas fa-la-eys hum pouquo dom quem está fora do joguo, porque se V. S. se vyse neste Malavar, omde eu amdo com muy ta pouquo armada e muito pouqua jernte, e muilta guerra e muulto que fazer, e nam podier fazer nada, senam amdar-s'omern desomrramdo e nam syrvyndo El-Rey; e o Governador nam quer dar lycença a nymguem que se venha pera quá, e se se vem hé loguo destroydo, e se se vay de quá tem na mercê muy certa, doutra maneyra symtyiya V. S. isto do que me escreve. E tentam o syr-vycyo d'El-Rey por estas teymas vay todo costa abayxo, que malí me faça Deus, se se vyo numqua cousa tam perdyda com'esta térra está, espy-cyallmemte este Malavar, que 'hé quá a força toda e o que mays se deve

arrecear. Mas fojem os governadores todos dela e vam-se a Cambaya que hé doce, e deyxam quá perder tudo isto, que hé domde vay a pymemta a Purtuguall. He parece-me a mym que poy El-Rey nam come outro fruyto de quantos guastos de jemte e dynheyro faz senam este, qu'auy s'avya de guastar o tempo que se nos quá vay sem fazer nada, que hé todo. Há agora auy nesta costa cemto e vynte ou cemto e trymte fustas destes mouros malavares com muita artelharya e marynha /d'yspymgardeyros, e saem dum porto coremta he cymquoenta e fazem camto nojo podem; he eu vou tras eles e doutro porto saem outros tantos e vam pera outra parte e fazem outro tamto nojo, e homem nam sabe a quais acuda. He entam esta guerra hé a mor graça do mumdo, porque no mar nam lhes pode homem fazer cousa nynhuma porque sam eles muy remeyros e numqua os homem alcança. A guerra que se lhe avya de fazer qu'ê emtrar-lhe nos ryos homde eles estam he queymar-lhe os lugares e os navyos havya de ser com jemte toda da Imdya, que o Governador leva comsyguo nam temdo nada que fazer, esc reve mdo-lhe eu a nycysdade de quá. Asy qu'eu juro a Deus a V. S. que nam sey cousa que nam dera por m'achar fora desta terra, agora com tam pouquo poder como eu nela tenho: mas par Deos se se o syrviço d'El-tR'ey nela nam faz sua hé a culpa.

A jemte que veo este anno nesta armada foy muy boa he asy luzio loguo, e crea-me Vosa Senhoiyya o que vos dyguo, que gorometes de sobresalemte hé o moor enguano que há no mundo; e nam vos dygua nymguem que camdo cá cheguam que sam marynheyros, que hé a mor myntyra do mundo, porque eles sam bragamtes / que numqua emtraram em mar, e pera ser marynheyro á myster que seya muytos annos goromete. He eu vos certyfyquo que estes sam os que se lamçam quá aos mouros he nam já outros nynhuns, porque sam jemte sem bbryguaçam he como lhes falece hum vyntem que comam loguo sam hydos.

'Fumdo tamto este bom despacho e bom havyamento que V. S. lá dá a estas naos, qu'ey que fazeys ho moor syrviço a Deus he a El^Rey que pode ser, porque vem na jemte tam sam he tam imteyra qu'aproveyta loguo em cheguando, o que nam soya de ser asy. He também favorece-se esta terra muy to com ha vynda das naos cedo, porque camdo tardam loguo hos nosos imyguos começam a reynar: asy que deveys de ter muyto gosto do que toda a jemte de quá vos por isto rogua, he am-vos todos por tam bem escamçado neste my^ter, que lhe parece que ir e vyr à Imdya que nam hé nada.

Escreve-me V. S. que as cartas do prymeyno anno foram em mylhor ordem qu'as outras he que serya pelos negoceos que tynha em Dyo. Eu nam tynha acupações nynhuas, que 'hahy estava ho 'Governador sobre quem tudo pemdya, mas amdava eu fora com El-Rey de Cambaya he de camynho pode-se muy malí escrever devaguar;/ he mays ho gosto he o comtemtamento, hé o que faz desacupaçam no espyto pera homem escrever myudezas, he este tynha eu entam muy pouquo e agora muyto menos, porque me vejo eu com coremta annos ou muy perto deles e vynte myl cruzados guastados ides que nesta terra estou, e ora me dyzem que vem Dom Garcya ⁽⁷¹⁾, ora que fulano ou

(71) D. Garcia de Noronha, 'Governador da índia (1538-1540).

cyrano, he nom hahy soiryemen/to que «baste a isto, amies estou espantado de mym como nam tenho dado com ha carregua no chão. E porem hey eu por tamanha mercê estas lembranças que me V. S. lá faz que nysto veyo craramente camto meu Senhor soys. Polas novas que me V. S. mamda de meus fylhos lhe beyjo as mãos. Praza a Deus que veyaes tam¹ to iprazer 'dios vosos como a Senhora iCom dessa 'deseya. As mãos 'de Vosa Senhonia e as suas beyjo.

iDesta costa do Malavar, oye 18 de Janeiro 1538.

MARTYM AFONSO DE SOUSA»/

Endereço: + Ao ylustre je muyto manyfycio Senhor, o Senhor Cornde da Castanheyra. 1* vya.

15. *Carta de cavalaria para Aridrê Luís.*

(Beadala '(Vêdalai), .1 -(Fevereiro-1538 |(Chanc. D. João III: Privilegios 1, 1917 v.).

O documento informa que, a 2-Agosto-15&2, André luís Ribeiro, moço da câmara, filho de Francisco luís Ribeiro, apresentou um 'alvará, escrito por Martim Afonso 'de Sousa em (Beadala, a 1 -Fevereiro-l 538, o qual testemunhava como ele, Sousa, apresou a armada do rei de Calicut, 47 fustas, das quais nem uma só escapou, sob o comando dos capitães Pate Marcar, Cunhale Marcar e Ale Abraham, com 400 ipeças de artilharia, todas itomadas, sendo muitas de metal. Eram 7.'00'0 guerreiros, muitos deles mosqueteiros. Martim Afonso ide Sousa atacou-os, por mar e por terra, onde se encontravam, alcançando-os e destroçando-os à força de armas, pelo que muitos morreram combatendo e defendendo-se. Nesta ocasião André Luís foi feito cavaleiro, o que juntamente se confirma.

Ver outros alvarás idênticos em SCHURHAMMER, *Quellen*, n.º* 313, 324, 479, i5'&6. Acerca da batalha ver SCHURHAMMER, *Die Bekehrung der Paraver*, in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, 4 (1935), 216-219, onde são indicadas as outras fontes.

16. *Para Fernam tf Alvares de Arídrade* (72).

Goa, 15-Novembro-1538 (Évora, Biblioteca Pública: 103-2-20, f. 55V.-56).

**Carta do Governador Martim Afonso de Souza
ao dito Fernão dalürz em Portugal.**

Sor

Se eu ouesses de Escreuer a Vm conforme a como eu dezeio de I vos seruir acabaria nunca mas eu sou pouco lisonieiro E | m.^{to} mão escritor, aueis me de

(72) O famoso *escrivão da fazenda* de iD. João III; seu tesoureiro-chefe (*Corpo Diplomático Portuguez*, V [Lisboa, 1874], 398).

tomar cõ minhas tachas, porq nehüadestas des | bota o conheçm^{to}. de q.^{taa} Ms. me la fazeis e quanto meu S.^{or} sois || Eu fiz o q na uossa carta maçonçelhais, q he ficar este anno nesta terra, on I de ha tanta necessidade q se não pode dizer, E uerdad.m.te q eu ey, q de homem tanto | meu S.^{or} como uos sois não me pode uir conçelho, q não seia m.^{to} de minha hon | ra, se a pode auer em homem tam deshonnrado do seu Rey, como eu p ^{Ta} estoutro | anno me irej se me Ds. der vida, porq* segundo as uoltas em q homem qua | anda não ha de fazer m.t* conta delia. E irmeey entodelas man.^{ras} do m.^{do} | porq crea Vm. q isto he o cõ q mais siruo aelRey nosso S.^{#r} q cõ ficar. E | se u la prestar p.^{ra} algüa couza sera p.^{ra} uos seruir, porq dezeio eu m.^{to} I de uos mostrar esta uontade por obra em algua couza, porq palauras, uou ia conhecendo q^{to}. maos rapazes são. As nouas de qua onde uaj Diogo Botelho I me escuzão escreuellas ; senão todauia uos pesso, por Ms. S.^{or} q pello q deueis a | eIRey E a uossa obrigação trabalheis em q se socorra esta terra bem hõa I uez, p.^{ra} se escuzar pedirem no de quã, nem mandarem no de lâ outras m^{Uaa} I uezes, porq crede uerdad.^{ra}m^{te} q esta em muj gran fadiga, E perdoe Ds a quem | em tal estado a pos. —

Pero de Andrade vosso seruidor, anda qua em minha compa | nhia de q eu leuo m.^{to} gosto, por ser couza uossa, pessouos por ms. q uos lembreis delle, E olhaj q he uosso parente, E q uos certefico q hade ser | homem honrrado ; E lembrouos também q os peccados da moçidade ia Daudi I pedia a nosso S.^{or} q se não lembrasse delles, por isso se algum erro fez per | doaylho porq leua m.^{to} honrrado caminho.

Mygel de yala moço fidalgo E da camara del Rei nosso S.^{or} uosso • grande seruidor, andou qua sempre em minha companhia. Elle he m.^{to} | ualente homem, e muj sezudo E cabe nelle toda a couza honrada; faça | lhe Vm. la fazer ms. porq a mereçe elle bem, e pode lâ requerer por | elle muj sem uergonha, e 11a que não tem outra esperanza senão ; em uos, e eu a receberej também por muj grande.

Gaspar Melio anda em minha companhia E serve m.^{to} bem por- | q sou eu boa t.^a de uista, elle he ualente homem, pediõme q uos fizesse || esta lembrança por elle porq se espera ajudar delia, toda a M. q la fizerdes a | reçeberer eu. Beijo as mãos a Vm. De Goa a 15 de nouembro de | 1538. | Seruidor de Vm. Martim A.^o de sousa —

Nota — Leitura do Dr. Armando de Gusmão, Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Evora, a quem agradecemos o envio do texto completo do documento.

17. *Pasta D. Antónro de Atakte, Contile da Castariheira* (74).

(Angra, 116-Julho-15319 (Co7. S. *Lotz*, I, 409-409V.).

«Ylustre he muyto manyfydo Senhor

Huma carta de Vosa Senhoria ouve aquy nesta ylha⁽⁷⁵⁾, he agora ey vefdadieyramente que soys meu amygo canuto pode ser e cambo a nezão o

⁽⁷⁴⁾ IM. A: de Sousa (largou de (Codhim em Janeiro de 1'530, na *Raynha*

(75) Terceira (iGf. iFord, *Letters*, 3i20, and Stihurhammer, *Quellen*, n. 1243).

requerer e deyxto ysto -pera seu tempo ie pera quanto vós saybays também quamto o eu sou voso. As lembranças que me na sua carta faz eu nam sayrey delais, nam aquy nam 'tenho mays que dyzer porque, co[m] ajuda de Deos, eu serey lá muy cedo. Quamto hé ser recebydo e a tudo o al vós, Senhor, ordenay o que vos parecer que yso será o bom e die yso nam sayrey eu. O alvorço que temdes -pera my vos nom agradeço porque eu vos juro a Déos verdadeyro que vo-lo pago na mesma moeda. Beyjo as mãos de Vosa Senhoria.

•Desta ylha aos x dyas de Julho.

Eu nam party logo porquie Pedr'Anes ⁽⁷⁶⁾ me 'dyse que mandava El-IREy, que se nam partyse daquy nao sem navyos d'armada ⁽⁷⁷⁾. Estou esperando por ela, que aynda armadas me nam querem deyxar.

MARTYM AFONSO DE SOUSA»/

Endereço + Ao ylustre e muyto manyfyoo Senhor, o Senhor Comde da Castynheyra, meu senhor.

Por outra mão: -f (De Martym Alfonso, »'das Ylhas, do ano de 11539.

í⁽⁷⁶⁾ Pero Anes do Canto, Capitão-Mor da armada-escolta (Ford, 320).

⁽⁷⁷⁾ Por causa dos piratas (franceses (Cf. Ford, 3»1'8, 342; Schurhammer, *Quellen*, n. 1243).